



originais recebidos em 17 de novembro de 2015

aceito para publicação em 11 de abril de 2016

Plantão psicológico no serviço-escola de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina

Maria Lúcia Mantovanelli Ortolan¹

Maíra Bonafé Sei²

Fórum de
Pró-Reitores
de Extensão
das Instituições
Públicas de
Educação Superior
Brasileiras

Resumo: O plantão psicológico se apresenta como uma prática cujo histórico no Brasil data da década de 1960 com sua implementação tendo acontecido no Instituto de Psicologia da USP. Apesar de sua importância, não é ainda uma prática intensamente presente nos serviços-escola de Psicologia. Com isso, o objetivo deste artigo é discorrer sobre a implementação, a partir de 2015, de um serviço de plantão psicológico no serviço-escola de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Tal atividade pôde ser inserida no curso por meio de um projeto de extensão, haja vista a dificuldade existente para tramitação de mudanças curriculares. Fez-se necessária a oferta deste serviço na UEL principalmente com o intuito de acolher a longa fila de espera para psicoterapia individual. Para a realização do plantão psicológico foram selecionados e treinados estudantes de Psicologia de 4º e 5º ano. O treinamento ocorreu via leitura e discussão de textos e pela realização de entrevistas de triagem com pessoas inscritas na lista de espera para a psicoterapia. Posteriormente estes discentes passaram a receber supervisão grupal semanal. Por meio desta experiência observou-se tanto a importância desempenhada pela intervenção para o público atendido quanto à necessidade de maior diálogo entre os serviços que compõem a rede interna e externa de saúde.

Palavras-chave: cobertura de serviços de saúde, extensão universitária, saúde mental, plantão psicológico, clínica psicológica universitária.

1 Graduada em Psicologia, Bolsista de Iniciação Extensionista - PROEX-UEL, Universidade Estadual de Londrina - UEL. mariaortolan@hotmail.com

2 Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Clínica (IP-USP), Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e Psicanálise, Universidade Estadual de Londrina - UEL. mairabonafe@gmail.com (autora para correspondência).

Psychological emergency service in the psychology university clinic of Universidade Estadual de Londrina

Abstract: The psychological emergency service emerges as a practice in which its history in Brazil dates back from the 1960s at the Psychology Institute at USP (Universidade de São Paulo). Despite its importance, psychological emergency service is not a practice which is intensely present in university psychology clinics. As a result, the purpose of this article is to discuss the implementation of a psychological emergency center at the university-based psychology clinic at Universidade Estadual de Londrina (UEL) in 2015. Such activity could be implemented as an applied project, due to the existing difficulty to process curricular changes in this scenario. In order to accommodate the long waiting list of patients for psychotherapy, it was necessary to offer this service at UEL. To conduct the psychological emergency services, undergraduate students of psychology from the 4th and 5th year were selected and trained. The training process was based on discussions of scientific articles and by conducting screening interviews with people on the waiting list for psychotherapy. After this initial selection, the group of students started being supervised on a weekly basis. This experience revealed both the importance of such service to the public and the need for a greater dialogue between health services in the internal and external health network.

Key-words: health service coverage, university extension, mental health, psychological emergency service, psychology school.

Guardia psicológica en la clínica psicológica universitaria de la Universidade Estadual de Londrina

Resumen: La guardia psicológica se presenta como una práctica cuya historia en Brasil empieza en la década de 1960 y su implementación sucedió en el Instituto de Psicología de USP. A pesar de su importancia, no es una práctica fuertemente presente en las clínicas psicológicas universitarias. Por lo tanto, el propósito de este artículo es discutir la aplicación, a partir de 2015, de un servicio de guardia psicológica en la clínica psicológica universitaria de la Universidad Estatal de Londrina (UEL). Tal actividad pudo ser implementada a través de un proyecto de extensión, llevando en cuenta las dificultades encontradas para el procesamiento de los cambios curriculares en este escenario. La oferta de este servicio en UEL era especialmente necesaria con el fin de dar cabida a la larga lista de espera para la psicoterapia individual. Para la realización de la guardia psicológica fueron seleccionados y entrenados estudiantes de psicología de 4° y 5° años y la capacitación se llevó a cabo a través de lectura y discusión de textos y realización de entrevistas de selección con personas en lista de espera para la psicoterapia. Más tarde, estos estudiantes han recibido la supervisión de grupo semanal. A través de esta experiencia hemos observado la importancia que desempeña la intervención para el público atendido, así como la necesidad de un mayor diálogo entre los servicios de salud que conforman la salud interna y externa.

Palabras-clave: cobertura de salud, extensión universitaria, salud mental, servicio psicológico, clínica psicológica universitaria.

Plantão psicológico: histórico e apontamentos gerais

O plantão psicológico - ou também chamado de pronto atendimento psicológico - tem como modelo as *walk-in clinics*, nos Estados Unidos, Canadá e parte da Europa (MOZENA, 2009). De acordo com Amora (2008) a palavra Plantão remete ao “horário de serviço escalado em hospitais, delegacias, farmácias, etc.” (p. 550), e, ainda com as definições do autor, o termo Pronto Atendimento refere-se à junção das palavras Pronto e Atender, conceituando a ideia de um “dar ou prestar atenção” (p. 66) que “não se demora, que se produz ou se opera em pouco tempo” (p. 581).

Popularmente, tanto o termo plantão quanto o termo pronto atendimento conotam um sentido de serviço

médico, como por exemplo os pronto-socorros, nos quais médicos estariam de plantão à espera do paciente para que este fosse atendido no momento em que chega ao hospital. A psicologia, então, dota-se deste conceito para falar do atendimento às questões de saúde mental também nesse modelo de profissionais em escalas de plantão a fim de atender, sem espera, os usuários do serviço. Assim, o uso dos termos Plantão ou Pronto Atendimento tornam-se sinônimos, uma vez que a psicologia adota-os no sentido dito acima.

Quanto ao Conselho Federal de Psicologia (1988; 1994), este reconheceu a prática de plantão psicológico conceituando-a como um modelo diferente à tradicional psicoterapia, pois “consiste num espaço de escuta, acolhimento e intervenção clínica perante situações de crise, recebendo a pessoa no momento exato de sua necessidade” (FURIGO et al., 2008, p. 186).

No Brasil, a prática de plantão começou a ser desenvolvida principalmente no fim de 1960, tendo o Instituto de Psicologia da USP, em São Paulo, como pioneiro e atualmente como referência metodológica para a implementação desse tipo de serviço psicológico (SCHMIDT, 2006). A experiência deles com o oferecimento de plantão psicológico se desenvolveu em uma disciplina obrigatória da grade curricular no curso, chamada Aconselhamento Psicológico na qual os plantonistas eram alunos estagiários. Em decorrência da expansão acentuada da Psicologia Humanista no Brasil, nessa época, o plantão psicológico da USP foi implantado com esta ênfase teórica, tendo como principais nomes Ruth Schaeffer e Oswaldo de Barros Santos (SCHMIDT, 2006).

Independente da abordagem teórica em que o plantão se configura, seus fundadores tinham como um dos objetivos a ideia do plantão ter um caráter profissionalizante. Entendiam que o estudante de psicologia, ao passar por aquela experiência na disciplina obrigatória, teria em sua carreira um diferencial quanto às múltiplas modalidades de se fazer uma clínica em psicologia (ROSENBERG, 1987).

Outro aspecto que se destaca ao se pensar nos objetivos de um plantão psicológico dentro da universidade é seu caráter de integração e conversação com a comunidade externa (SANTOS, 1999). Assim, o plantão também poderia desempenhar um aspecto de responsabilidade social, atendendo um dos pilares da universidade, a saber, os trabalhos de extensão. Tendo em vista a tríplice dimensão existente no curso de psicologia dentro de uma universidade pública, entende-se ser necessário pensar em práticas de formação de psicólogo, de investigação científica e de atendimento à comunidade, contemplando o ensino, a pesquisa e a extensão.

Dentre as práticas que os cursos de psicologia ofertam nos serviços-escola de Psicologia, encontram-se as entrevistas de triagens empreendidas nestes espaços. Neste sentido, vale indicar que esta prática difere daquilo que é feito em um plantão psicológico. A triagem tradicional é uma prática de seleção de demanda, na qual seus objetivos se configuram como conhecer aquele sujeito, avaliar sua situação e sugerir um encaminhamento mais adequado. Esta é uma atividade que coleta dados pessoais do sujeito, tenta identificar sua queixa a fim de realizar um diagnóstico prévio, podendo até se utilizar de testes psicológicos. É, também, um espaço de atenção às expectativas do sujeito quanto ao atendimento psicológico que será oferecido posteriormente (ROCHA, 2011).

O trabalho feito em um plantão psicológico assemelha-se mais a uma prática de triagem interventiva não tradicional. Indica-se que o espaço do plantão é aberto à escuta de tudo aquilo que o sujeito traz, caracterizando-se por um caráter já terapêutico e não apenas de coleta de informações desempenhado pela triagem tradicional (PERFEITO; MELO, 2004). Um de seus maiores objetivos é proporcionar uma clarificação da situação psicodinâmica daquele sujeito: é mais do que a investigação sobre um sintoma, é a tentativa de contato com o sofrimento daquele usuário, observando seus

contextos, por exemplo. Desta maneira, o plantão psicológico se faz de menos avaliações e mais compreensões, de menos psicopatologias e mais experiências de vida (ROCHA, 2011).

Não só com o objetivo de atender a demanda de usuários em busca de acolhimento psicológico e de também profissionalizar os estudantes, o plantão psicológico configura-se, ainda, como integrante da Rede de Atenção à Saúde Mental e de Assistência Social. Segundo Schmidt (2006), o plantão pode proporcionar a criação de uma rede solidária de recursos na saúde mental, na medida em que este serviço estreita contatos entre os estagiários e os diversos pontos da rede, sendo possível, assim, um melhor funcionamento nos encaminhamentos feitos. De acordo com Vieira e Boris (2012), a questão da articulação do plantão psicológico com a rede está atrelada ao espaço que o psicólogo tem atualmente nas políticas públicas: há a necessidade deste profissional ser parceiro na busca de alternativas para as demandas trazidas, e para isso ele deve conhecer e fazer parte das políticas públicas em saúde mental e assistência social.

A graduação em Psicologia na UEL e a organização curricular

Almeja-se, por meio deste trabalho, relatar a experiência de implementação do plantão psicológico na UEL, a partir de 2015, e refletir sobre os resultados obtidos com a intervenção realizada. Para tanto, entende-se ser pertinente contextualizar a universidade e também descrever a organização da formação do estudante de graduação da UEL e como se dava a organização do serviço-escola de Psicologia junto ao qual a prática foi implementada.

A UEL foi criada em janeiro de 1970 iniciando suas atividades com 13 cursos de graduação – o curso de Psicologia só foi ofertado em 1972. Em termos de estrutura acadêmica/administrativa, no levantamento feito em 2009, a UEL contava com seis pró-reitorias, nove centros de estudos e 57 departamentos. A comunidade interna da UEL (estudantes de graduação, pós-graduação e servidores), em 2009, era de aproximadamente 24 mil pessoas (UEL, 2009).

O curso de Psicologia atualmente encontra-se no Centro de Ciências Biológicas e é constituído por três departamentos: Psicologia Geral e Análise do Comportamento (PGAC), Psicologia e Psicanálise (PPSIC) e Psicologia Social e Institucional (PSI). A UEL contava com uma grade curricular composta basicamente por disciplinas obrigatórias para os estudantes do curso de Psicologia. Havia, esporadicamente, disciplinas fora desta grade curricular, ofertadas de forma optativa por docentes, que poderiam ser cursadas e contabilizadas como atividades acadêmicas complementares. Este tipo de atividade organizava-se como algo obrigatório e, para se graduar, o estudante deveria contar com um montante de pouco mais de 400h em atividades complementares, montante este que poderia centrar-se em disciplinas,

cursos externos à graduação, participação em eventos científicos, monitorias, iniciação científica, além da inserção em projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Quanto aos estágios obrigatórios, estes se restringiam ao 5º ano, e se dividiam nas áreas de Psicologia Clínica (Abordagem Comportamental ou Psicanalítica), Psicologia Escolar e Psicologia Organizacional e do Trabalho. A despeito dos estágios nas áreas de Psicologia Escolar e Organizacional e do Trabalho terem uma flexibilidade de tipos de ações a serem desenvolvidas e locais para a realização destas práticas, para o estágio de Psicologia Clínica previa-se a condução da psicoterapia individual de pelo menos um paciente perfazendo um total mínimo de 28 sessões exclusivamente na Clínica Psicológica da universidade. Os demais tipos de intervenção clínica não estavam previstos para o estágio de 5º ano.

Tendo em vista as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia (BRASIL, 2011), que propôs a reorganização dos cursos a partir de ênfases curriculares, iniciou-se um longo processo de discussão entre os referidos departamentos para a efetivação de mudanças no currículo em vigência que culminaram na adoção, em 2014, de um novo currículo. A partir desta nova grade curricular, os discentes poderão iniciar os estágios logo nos primeiros anos do curso de graduação. Contudo, a formatação e delineamento dos campos de estágio ainda estão em andamento na universidade.

Apesar desta reformulação, entende-se que o processo de se pensar a formação do psicólogo, especialmente aquele apto para atuação no SUS, se mostra como um processo árduo e contínuo, que demanda repensar o olhar destinado aos indivíduos, à questão da articulação entre disciplinas e ao questionamento à patologização vista atualmente em várias situações (GUARESCHI et al., 2011). Por um lado, entende-se que este processo de reflexão sobre a grade curricular frente aos desafios da Psicologia na atualidade tem sido feito na UEL por meio de discussões do Núcleo Docente Estruturante. Por outro lado, acredita-se que a ideia do plantão psicológico, ao questionar a posição do indivíduo que busca ajuda entendendo-o como alguém apto a pensar suas questões, esclarecendo sua demanda, e não necessariamente como um alvo passivo aos encaminhamentos determinados pelo plantonista (ROCHA, 2011), distancia-se desta vertente de patologização.

Diante deste cenário de implicação de variadas instâncias para a tramitação de mudanças curriculares em universidades públicas, observa-se que os projetos de ensino, pesquisa e extensão se apresentam como um recurso para diversificar a formação dos futuros psicólogos, inserindo novos conteúdos e práticas ainda não contemplados pela grade curricular (SEI; ZANETTI, 2014). No caso da Psicologia Clínica, os projetos se mostram como uma importante opção para os estudantes e o público que necessita de atenção psicológica. Os projetos oferecem intervenções como a avaliação psicológica, a psicoterapia de grupo, de casal e família, os grupos de caráter psicossocial e o plantão psicológico.

A implementação do plantão psicológico na Universidade Estadual de Londrina (UEL): uma experiência

A cidade de Londrina, localizada no estado do Paraná, foi fundada em 1934 e, de acordo com os dados do IBGE de 2010, tem 506.701 habitantes. A organização do Sistema de Saúde da cidade ocorreu com a implantação da Universidade Estadual de Londrina, nos anos 70, pois, juntamente com a universidade, duas Unidades de Saúde em bairros urbano-periféricos foram também implantadas como campo de estágio para estudantes do curso de medicina (PML, 2016a). Entende-se que, desde o princípio, há uma articulação institucional entre UEL com as políticas públicas (SUS e também SUAS) no município.

Mesmo depois de 1992, quando houve o processo de municipalização da atenção à saúde e a UEL deixou de gerenciar alguns postos de saúde (PML, 2016b) a Universidade ainda se apresenta como uma importante instituição integradora da rede de saúde da cidade. Um exemplo disso é a Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, serviço-escola de Psicologia ligado ao curso de graduação em Psicologia desta universidade, que tem como público alvo tanto a comunidade interna quanto a externa. Abrange, assim, crianças, adolescentes, adultos ou idosos, ou seja, beneficiários do Sistema Único de Saúde, e usuários ligados à rede de atenção à saúde mental e assistência social.

Segundo a Prefeitura Municipal de Londrina, a partir do gerenciamento dos recursos da saúde, o município de Londrina conseguiu implantar, em 1996, o Centro de Atenção Psicossocial Conviver (CAPS Conviver). Em 2004 foi inaugurada a nova sede 24h, um dos pontos da rede que mais encaminha, e recebe encaminhamentos, da Clínica Psicológica da UEL, reafirmando, assim, a articulação universidade pública e políticas públicas de saúde.

A clínica funciona conforme o calendário da universidade, e seu horário de funcionamento segue o horário comercial, com abertura no período noturno, até as nove horas da noite, de segunda à quarta-feira. Os serviços prestados pela clínica a essa população resumem-se à psicoterapia individual, tendo já incorporado como práticas habituais a avaliação psicológica, psicoterapia de grupo, de casal e família e conta, desde o ano de 2015, com o Plantão Psicológico e o Grupo de Dinâmicas. Oferece outros tipos de intervenção psicológica por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão, tais como grupo de tabagismo, depressão, fobia social, etc. Estes projetos não são projetos fixos da clínica e funcionam conforme interesse e disponibilidade de docentes e pesquisadores da universidade. Cabe ressaltar que os serviços-escola de Psicologia se apresentam como espaços destinados à aplicação prática do conhecimento teórico aprendido (PERES; SANTOS; COELHO, 2003). De acordo com Marturano, Silveira e Oliveira (2014), estes serviços visam estabelecer um diálogo entre ensino, pesquisa e

extensão, em consonância com o tripé presente na formação das universidades, apontando para o papel de construção de conhecimento, ao se rever e aprimorar as práticas psicológicas nestes locais.

Quanto ao funcionamento da Clínica Psicológica da UEL, observou-se que algo que se mostrava como um grande incômodo: a extensa fila. Os inscritos deveriam aguardar um longo período de tempo até que fossem chamados para a entrevista de triagem e outro período até que pudessem, de fato, começar o processo psicoterapêutico. As entrevistas de triagem são usualmente entendidas como porta de entrada da população ao contexto do serviço psicológico (PERFEITO; MELO, 2004). Objetiva-se, por meio delas, promover uma aproximação do usuário com o serviço que lhe será ofertado e a coleta de dados a partir dos quais se produz a ficha do paciente. Com estes dados pode-se fazer um melhor encaminhamento, avaliando-se se a demanda pode ser atendida pelo serviço em questão.

Na UEL, a triagem se organiza como uma atividade proposta aos estudantes das disciplinas de Psicologia Clínica, ofertadas no 4º ano de graduação, prévias aos estágios. Assim, estes estudantes realizam, no contexto destas disciplinas, entrevistas de pessoas inscritas na lista de espera e que serão, posteriormente, atendidas nos estágios de Clínica do 5º ano da graduação. Tal dinâmica curricular gera o intervalo existente entre a triagem e o início da psicoterapia.

Contabilizou-se entre os anos de 2015 e início de 2016 uma média de 350 pessoas na fila de espera, entre adultos, adolescentes e crianças. Trabalha-se com um montante de aproximadamente 100 triagens já feitas no início de cada ano letivo, haja vista a média de 100 terapeutas atendendo, dentre estudantes de 5º ano em estágio obrigatório em Psicologia Clínica, estudantes vinculados a projetos de atendimento psicológico, assessores especiais e colaboradores externos.

Algumas medidas foram adotadas pela direção da clínica e pelo corpo docente do curso a fim de minimizar essas duas filas. Entendeu-se que o paciente poderia ficar em atendimento por, no máximo, dois anos, desta maneira priorizando o atendimento a todos e, assim, permitir que os inscritos pudessem ser atendidos, proporcionando, a cada ano letivo, que mais pessoas pudessem ser chamadas para atendimento. A abertura de novos projetos de extensão que contemplassem os atendimentos psicológicos também foi uma opção criada para a questão das filas, com o início de outros serviços como o Grupo de Dinâmicas. Intencionou-se acolher os usuários, sejam eles da fila de espera ou já triados aguardando atendimento – entendendo que, ao estabelecer um vínculo com a instituição e com o próprio serviço psicológico, a pessoa pode fazer uso, sem muitas resistências, dos outros serviços ofertados. Contudo, ainda assim havia uma lacuna entre o momento da demanda e o recebimento de uma escuta psicológica, justificando a criação de outro tipo de serviço que pudesse ajudar a acolher estes indivíduos inscritos.

Optou-se, assim, por ofertar um projeto de extensão que visasse oferecer o plantão psicológico na Clínica

Psicológica da universidade, por meio da escuta psicológica efetuada por discentes de 4º e 5º ano de graduação em Psicologia. O projeto de extensão foi delineado e aprovado pelas instâncias universitárias, com a inserção de estudantes interessados no tema que passaram por um período de discussões teóricas sobre a prática do plantão psicológico e de preparo prático, efetuado por meio da realização de entrevistas de triagem. Após isto, divulgou-se a proposta tanto internamente na instituição quanto na mídia da cidade, dando-se início aos atendimentos por parte dos estudantes.

Os estudantes colaboradores tiveram seus atendimentos de plantão psicológico supervisionados semanalmente, em grupo, para que pudessem conhecer os demais casos atendidos. Aponta-se, então, que um mesmo indivíduo poderia retornar posteriormente e ser atendido por outro estagiário que teria condições de já conhecer o caso. Além disso, frente ao inesperado característico do atendimento na modalidade de plantão, acredita-se que este discente poderia estar mais bem preparado a partir da experiência discutida de seus colegas.

Cabe indicar que, tendo em vista o apelo médico que a palavra ‘plantão’ pode assumir, escolheu-se utilizar o termo ‘Pronto Atendimento Psicológico’ nas divulgações efetuadas pelo serviço. Porém, como a literatura científica sobre este tipo de intervenção utiliza mais a denominação ‘Plantão Psicológico’, optou-se denominar desta forma esta prática no contexto das publicações científicas decorrentes deste projeto de extensão.

Tendo em vista sua ênfase no contexto da Saúde, mas também podendo estabelecer um diálogo com o campo da Assistência Social, defende-se que o serviço de plantão psicológico, ofertado pela UEL, se mostra articulado tanto teoricamente com as políticas públicas quanto no campo prático, ao buscar um contato efetivo com os serviços parceiros. Nota-se, ademais, que ele se encontra em sintonia com a nova grade curricular adotada pelo curso de psicologia, em correspondência com o que é preconizado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de psicologia (BRASIL, 2011).

Assim, de acordo com uma das resoluções das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia (BRASIL, 2011), uma das metas centrais à formação do psicólogo é este ser capaz de apreender a amplitude e complexidade dos fenômenos psicológicos de maneira que se incentive a interlocução dos campos de conhecimento. Esta meta foi atendida uma vez que os estudantes participantes tiveram que lidar com outras visões, não só a psicológica, a respeito da demanda do usuário. Outras visões, pois, na medida em que o usuário era encaminhado para o serviço de plantão por Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Unidade Básica de Saúde (UBS), Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), escolas, hospitais, etc., o plantonista tinha a oportunidade de entender o fenômeno nos âmbitos psicológicos, sociais, biológicos e culturais.

A resolução referida acima ainda objetiva como competência e habilidades necessárias ao psicólogo em

formação a atenção à saúde, sendo que os profissionais “devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde psicológica e psicossocial” (p. 2). A partir da descrição da competência, entende-se que o estudante plantonista foi contemplado uma vez que o serviço de plantão psicológico é mais um tipo de modalidade promotora de saúde.

Um dos artigos da resolução citada acima (BRASIL, 2011) indica que a formação em psicologia deve ter como proposta, principalmente, práticas profissionais que fomentem a inserção do estudante “em diferentes contextos institucionais e sociais, de forma articulada com profissionais de áreas afins” (p. 2). Novamente a proposta de atendimento psicológico por meio da modalidade de plantão está de acordo com a diretriz, pois é uma experiência que subsidia essa prática profissional em contexto institucional e é articulada com outros profissionais além dos psicólogos.

Especificamente sobre os resultados colhidos com o plantão psicológico na UEL, tendo em vista sua implementação há aproximadamente um ano, observa-se que vários frutos puderam ser colhidos e muitas reflexões puderam ser tecidas. Por meio da divulgação efetuada, serviços de saúde com os quais não se tinha uma interlocução tão próxima passaram a conhecer o trabalho efetuado pela Clínica Psicológica e iniciaram os encaminhamentos para o serviço de plantão psicológico.

Ao analisar os encaminhamentos pelos quais os usuários do plantão chegam à clínica, observa-se o quanto os serviços da rede puderam se integrar, pois a clínica recebeu e encaminhou pacientes do CAPS III, de diversas UBS de Londrina e da região, de hospitais, clínico-gerais, psiquiatras e psicólogos particulares e do Hospital das Clínicas e Universitário. Além desses pontos mais específicos da saúde mental, o trabalho feito no serviço de plantão psicológico da UEL, em paralelo aos outros projetos de extensão vinculados à clínica, pôde possibilitar uma articulação entre a universidade e os programas da Assistência Social e a política pública do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). O plantão recebeu e encaminhou usuários do CREAS e CRAS, principalmente.

Por outro lado, observa-se que, a partir do momento que se tem uma abertura para atender os encaminhamentos de outros pontos da rede de saúde, se faz necessário problematizar os limites de um plantão psicológico realizado em um serviço-escola de psicologia. O que se pôde perceber na atual experiência é que o plantão tem riscos de se tornar ponto de escoamento de demanda - demandas estas que, às vezes, não são condizentes com o aparato técnico/metodológico da instituição, como é o caso das emergências psiquiátricas. Esse escoamento ocorre em decorrência de inúmeros tipos de falhas nos outros dispositivos da rede, como, por exemplo, os centros de referência (CAPS, CRAS, CREAS, etc.). Desta maneira, a experiência da implantação de um plantão psicológico na universidade pôde denunciar uma necessidade de rever as articulações entre os pontos de Atenção à Saúde Mental na cidade e região. Faz-se assim aquilo que Marturano, Silveiras e Oliveira (2014)

indicam, isto é, desenvolver novas práticas em consonância com as necessidades do público que busca os serviços-escola de Psicologia, qualificando o futuro psicólogo para uma constante avaliação e reformulação de suas intervenções.

O atendimento psicológico realizado na modalidade de plantão promoveu a reflexão sobre a atuação da psicologia clínica e a inserção dos psicólogos em outras áreas que lhes eram até então desconhecidas (DIMENSTEIN, 2001). O plantão ainda aponta o quanto o diálogo com as políticas públicas se faz necessário para um reposicionamento da psicologia clínica contemporânea (VIEIRA; BORIS, 2012), podendo esta articulação começar a ser feita já na universidade, na formação do profissional, como indica Ferreira Neto (2010).

A implementação do plantão psicológico na UEL não só trouxe possibilidades de diálogo entre os pontos externos da rede como também provocou uma movimentação em relação aos serviços ofertados dentro da própria universidade. A partir do momento em que os plantonistas se viram convocados a ocuparem os espaços dentro da saúde mental para que pudessem estar mais aptos a pensarem seus encaminhamentos, fez-se uma articulação com outros projetos de extensão que são realizados na universidade, projetos referentes à fobia social, depressão, infertilidade, psicoterapia de casal e família, entre outros.

Por meio desse movimento de rede dentro da própria universidade, teceu-se uma aproximação entre serviço-escola de psicologia e serviço de bem-estar à comunidade interna da instituição - caracterizado de maneira multiprofissional com política de atendimento global a fim de melhorar a qualidade de vida das pessoas da instituição. Essa aproximação dos serviços serviu para se pensar as (im)possibilidades de ambos os serviços a fim de resultar futuras parcerias em prol do melhor atendimento à comunidade tanto externa quanto universitária. Houve também aproximações, mesmo que tímidas, com o hospital da universidade e com a divisão de assistência à saúde da comunidade.

Observou-se, ademais, uma intensa procura pelo atendimento por parte de membros da comunidade interna da universidade, especialmente por estudantes de graduação e pós-graduação, fato este que provoca reflexão quanto aos serviços da universidade que se propõem a atender à demanda interna. Estes serviços estão, em certo grau, falhos e/ou articulados de maneira a não dar conta da demanda clínica que existe na universidade. A procura maciça de atendimento psicológico por estudantes da instituição também problematiza o modelo universitário/acadêmico em que se vive atualmente, principalmente levando-se em conta que o ano de 2015 foi marcado por greves de servidores públicos e estudantes, implicando em um reajuste do ano letivo.

Considera-se que, a despeito do pouco tempo de implantação deste tipo de intervenção no contexto do serviço-escola de Psicologia, bons resultados já foram colhidos. Percebeu-se uma procura da população pelo

serviço, que pôde ser acolhida por uma escuta psicológica em um momento bem próximo ao que esta escuta se fez necessária (FURIGO, 2008; ROCHA, 2011).

Além disso, o delineamento do projeto fez com que ficasse evidente a falta de diálogo entre os serviços de saúde internos à universidade, além da necessidade de maior contato com a rede de saúde e assistência social do município. Em algumas situações foi possível perceber o quanto a rede de saúde encontrava-se desprovida de recursos para uma atenção em saúde mental mais efetiva, o que gerou o encaminhamento, nem sempre adequado, de parte de seu público para a Clínica Psicológica da UEL. Estes limites foram apontados para os serviços parceiros e acredita-se que um estreitamento dos laços pôde ser constituído por meio da criação deste tipo de intervenção psicológica na universidade.

No que concerne à graduação em Psicologia, entende-se que este projeto de extensão oferta uma prática que tece interlocução entre a formação e as necessidades da população, desenvolvendo novas práticas nos serviços-escola de Psicologia (MARTURANO; SILVARES; OLIVEIRA, 2014). Tem-se, além disso, uma proposta afinada com as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2011) e com a ênfase em Saúde proposta pelo atual grade curricular da Psicologia da UEL.

Compreende-se assim que o plantão psicológico se configura como um recurso potente, capaz de não apenas promover saúde mental da população que dele faz uso, como também favorece o diálogo entre serviços, devendo se constituir como uma prática a ser cuidada e ampliada.

Referências

- AMORA, A. S. **Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa**. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior. Resolução nº 5, de 15 de março de 2011. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. **Diário Oficial da União**, S. 1, n. 51, p. 19-21, 2011. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&category_slug=marco-2011-pdf&Itemid=30192 >. Acesso em: 04 abr. 2016.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o psicólogo brasileiro**. São Paulo: Edicom, 1988.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo brasileiro. Práticas emergentes e desafios para a formação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- DIMENSTEIN, M. O psicólogo e o compromisso social no contexto da saúde coletiva. **Psicologia em Estudo**, v. 6, n. 2, p. 57-63, 2001.
- FERREIRA NETO, J. L. **A formação do psicólogo: clínica, social e mercado**. São Paulo: Escuta, 2004.
- FURIGO, R. C. P. L.; SAMPEDRO, K. M.; ZANELATO, L. S.; FOLONI, R. F.; BALLALAI, R. C.; ORMROD, T. Plantão psicológico: uma prática que se consolida. **Boletim de Psicologia**, v. 58, n. 129, p. 185-192, 2008.
- GUARESCHI, N. M. F.; REIS, C.; DHEIN, G.; BENNEMANN, T.; MARCHY, D. S. A avaliação psicológica, psicopatologia e as psicoterapias na formação do profissional de saúde para o SUS: um estudo dos currículos dos cursos de Psicologia. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 11, n. 1, p. 171-204, 2011.
- MARTURANO, E. M.; SILVARES, E. F. M.; OLIVEIRA, M. S. Serviços-escola de psicologia: Seu lugar no circuito de permuta do conhecimento. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 2, 457-470, 2014.
- MOZENA, H. **Plantão psicológico: um estudo fenomenológico em um serviço de assistência judiciária**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade de Campinas - PUC, Campinas, 2009.
- PERES, R. S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B. Atendimento psicológico a estudantes universitários: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. **Estudos de Psicologia**, v. 20, n. 3, p. 47-57, 2003.
- PERFEITO, H. C. C. S.; MELO, S. A. Evolução dos processos de triagem psicológica em uma clínica-escola. **Estudos de Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 33-42, 2004.
- PML - Prefeitura do Município de Londrina. **Londrina**. 2016a. Disponível em: < http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=category&id=5&Itemid=4 >. Acesso em: 04 abr. 2016.
- PML - Prefeitura do Município de Londrina. **Histórico**. 2016b. Disponível em: < http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=496&Itemid=588 >. Acesso em: 04 abr. 2016.
- ROCHA, M. C. Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. **Revista do NUFEN**, v. 3, n. 1, p. 119-134, 2011.
- ROSENBERG, R. L. (Org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo: EPU, 1987.
- SANTOS, B.S. Da ideia de universidade à universidade de ideias. In: SANTOS, B.S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SCHMIDT, M. L. S. Continuidade e ruptura: Interpretação da história do Serviço de Aconselhamento Psicológico do Instituto de Psicologia da USP. **Mnemosine**, v. 2, n. 2, 2006.
- SEI, M. B.; ZANETTI, S. A. S. O projeto de extensão enquanto estratégia na formação em psicologia: uma experiência no atendimento a família. **Espaço para a Saúde**, v. 15 (supl.), p. 118-124, 2014.
- UEL – Universidade Estadual de Londrina. **Breve histórico da UEL**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. Disponível em: < http://www.uel.br/proplan/plano_diretor_2010_2015/texto_numerado_Plano_Diretor.pcoe_lhodef >. Acesso em 05 abr. 2016.
- VIEIRA, E. M.; BORIS, G. D. J. B. O plantão psicológico como possibilidade de interlocução da psicologia clínica com as políticas públicas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 883-896, 2012.

Como citar este artigo:

ORTOLAN, M. L. M.; SEI, M. B. Plantão psicológico no serviço-escola de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 29-35, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3079/pdf>>